

O FORMIGUEIRO

JORNAL SATIRICO-BURLESCO

Off. de J. L. de F. da Silva, editor. - 2-V-1923.

I ANNO

DOMINGO — 8 DE FEVEREIRO

N.º 9

GUIMARAES, 7 DE FEVEREIRO DE 1880

O azeite e povo

No nosso numero anterior queixamo-nos da mystificação que se faz actualmente no azeite, no que apenas fomos guiados pela voz do povo, dos interesses de quem somos sentinella vigilante.

Não tínhamos, porém, conhecimento verdadeiro da questão, e hoje que o temos, declaramos alto e bom som que se trama da parte d'alguem contra a existencia dos menos favorecidos da fortuna, com a venda d'um dos artigos de consumo que elles mais gastam—o azeite.

O povo assim o diz e nós secundamo-lo, porque da fôrma como já vimos o azeite—completamente estragado e com uma côr verde pouco acentuada—achamos-lhe razão.

E, sendo os clamores geraes; dizendo-se já que o augmento dos obitos é occasionado por esta adulteração; chegando-se-lhe já a attribuir certos incommodos accidentaes de que mais tarde tem resultado a morte—parece incrível que os poderes superiores não tenham tomado a mais insignificante providencia!

Quererão que o povo deixe de fazer uso d'elle, baseando-se na estupenda maxima—«Quem não quer não vae lá»?

Impossive! O azeite é indispensavel a todos, e ao pobre muito mais porque este não o evita de fôrma nenhuma, comendo bacalhau, sardinha salgada, caldo verde, e muitas outras coisas, de que a sua precaria situação o não deixa sahir, hoje com especialidade que as contribuições lhe roubam a maior parte dos seus ganhos.

Mas admittindo a hypothese de que o povo pudesse fazer essa gre-

re—revolução pacifica que seria o embate do ultimo extremo, de que aliás poderiam advir funestissimas consequencias—que resultaria d'isso?

Nada, se a authoridade não interviesse a seu favor, porque o negociante comprou decerto o azeite conforme o vende, e não ia de motu proprio deital-o fóra, porque perdia n'elle o custo e para perder ninguem está. Isto é muito logico e—é mister confessar-se—muito razoavel.

A culpa a quem a tiver.

A mystificação é confessada pelos proprios negociantes, e tanto que em algumas lojas se tem perguntado—Quer do puro?—declarando assim que o tem com confecção.

O logro é grande, muito grande, e por isso mesmo grande tem de ser a energia de quem tem a providenciar urgentemente, porque o povo está sendo prejudicado

FOLHETIM DO FORMIGUEIRO

CARTA

Fragmento encontrado entre uns velhos papeis na minha carteira dos 12 annos

(A ALFREDO JULIO D'OLIVEIRA GONÇALVES)

Desde ha muito que em mim predomina a idéia de escrever-lhe, formosissima P.; mas só hoje me abalancei a fazel-o.

Escrever-lhe, para que? Nem eu sei. Naturalmente para lhe mostrar que ainda não olvidei os momentos em que eu, conversando com v. ex.ª

me havia atormentado pelo desejo de beijar-lhe a... ponta do seu elegantissimo nariz. Era uma extravagancia, uma excentricidade digna d'um beef lá da formosa Albion; mas que quer? jamais lhe patenteei tal desejo, que se o effectuasse estaria v. ex.ª a estas horas sem as canaes respiratorias, tal havia de ser o arranco do osculo, que se transformaria em medonha dentada.

Por Deus, não me chame anthropophago!

Se a P. soubesse latin o que havia de ter graça e então é que decerto arranjava casamento com algum doutor—por sem dúvida ao lêr estas regrasinhas me lançaria em rosto,

com fastiento arreganho o famoso *Quousque tandem, Catilina, abutere patientia nostra?* Não sabe; mas em compensação (juro por Santa Emilia que é a Santa do seu nome) que ao lêr isto está v. ex.ª a fazer um beicinho de enfado, de desprezo, ou d'outra qualquer coisa, que lhe hade ficar a matar.

—E... uma vela de cebo de 10 reis.

Lá poisa a P. o jornal, interrompendo a leitura d'estas desconchavadas linhas, ficando eu por instantes privado da sua attenção e do seu... beicinho.

Mas eis que volta: depressa serviu a mulhetzinha, a quem eu dei o

com elle não só na bolsa como na saúde. Já que teem sido indolentes e surdos, sejam activos agora que os clamores os despertam.

Se o azeite bem de fóra assim com a mistura que o deteriora, é preciso sujeital-o a um exame chimico, feito por pessoas mais ou menos authorisadas, para que o negociante não seja enganado. E' preciso que se trate por alguma fórma de evitar estes logros que damnificam a saúde, e isso hoje deve talvez ser mais facil, tendo ali uma porção de empregados do fisco.

E' indispensavel, é forçoso que a pessoa a quem compete tome uma resolução que para o caso terá de ser dura, mas que é precisa, porque a continuarmos assim, dentro em pouco a mortalidade duplicará por effeito das indisposições causadas pelo oleo ou qualquer outro ingrediente que se está misturando no azeite.

● correspondente do «Campeão das Provincias»

Temos outro *Tres estrellas* em scena. Este, porém, é mais correcto e mais *gordo*; está mais afeito a escrever para os jornaes, ainda que sejam estupadas que a elle o deixem exausto de forças por haver deitado a livraria abaixo e a

diabo, por a ter encommoado em tal occasião, com o pedido de uma vela de ceia.

Prosigo:

Com que então v. ex.^a —aposto— já nem se lembrava d'este pobre *trabalhador*?! Como é ingrata! Chamou-me *trabalhador*, e não me desgostei por isso. Se esta palavra tem tantos sentidos!...

Sou *trabalhador*, sou, por minha desgraça; quiz ser *boticario*—e simplesmente por julgar que tal *officio* equivalia ao de um bacharel—mas meu pai, que sempre embirrou com os cosinhadores de panacéas, obstonou a que eu me dedicasse a tão sympathico mister! Isso me trouxe infeli-

nós o desgosto de haver perdido com elle um tempo precioso.

Contristado pela sorte dos irmãos nas lides sacerdotaes, que não *musicas*, e receiando vêr mais tarde ou mais cedo n'este jornal a rezenha das suas proezas, o que effectivamente é bem possível, botou correspondencia contra o *Formigueiro*, arremecendo-lhe todos os epithetos desconhecidos pelo mais indecente e maior de todos os gaia-tos julgando ter dado o pio do *mochô*, ave que *arremeda* muito bem, e com que ás vezes se assemella perfeitamente!

E' triste! Descer tão baixo, quando a sua posição é tão elevada; baixar-se a reverenciar a asneira para poder escrever alguma coisa contra os que teme—só um padre *Zarolha*!

E' por este appellido que o ficaremos conhecendo, porque a facanhudo correspondente encobri-se debaixo das azas da inicial Z. São todos assim—*euvengonhados*!

A correspondencia que não merecia resposta alguma, faz contudo um pedido ao sr. administrador do concelho, que por ser da mais crassa *bestialidade*, nos força a dirigi-lhe algumas palavras.

Não é porque julgamos que o sr. administrador não saiba que o pedido é asuatico e d'um ignorante da Carta de Lei de 17 de maio de 1866, nem mesmo porque nos receemos de qualquer arbitrarie-

cidade, por isso que v. ex.^a dava o cavaquinho por um *formacopula*. E por eu o não ser, desprou-me v. ex.^a... coitado de mim!

Mas hoje creio que os seus gostos variaram; depois de embirrar com os *trabalhadores*, aposto mil contra um em como já não gosta de boticarios. Que desgraça para estes sujeitos! Que inconstancia a sua minha boa P!... Bem mostra que é feita de barro, e portanto quebradiça como uma *panella*.

Disseram-me que prezentemente o seu ideal não é um homem que equivalha a um *doutor*, mas puramente, completamente um *doutor* feito.

dade da sua parte, e isto porque o julgamos incapaz de praticar tales actos—mas porque querem os mostrar ao tal *Zarolha* que a respeito de lei de imprensa ainda o *Zirraute* está mais adiantado.

Como é que o *Zarolha* quer que o sr. administrador intervenha contra nós? Quer que elle nos obrigue a cessar a publicação do jornal?

Mas, oh! tolo! Não vez que o administrador do concelho não tem absolutamente nada com qualquer jornal da terra, quando elle tenha cumprido antecipadamente as devidas formalidades e por consequente nem acoinado de clandestino possa ser?

Não vê, oh! parlapatão que o administrador não tem a mais pequena interferencia com qualquer jornal, ainda mesmo que elle se *refira a actos da vida publica ou particular de qualquer pessoa*, como lh'o permite o artigo 3.^o da citada Carta de Lei?

E com que arrogancia o *Zarolha* pergunta sobre quem pesa a responsabilidade da publicação do jornal! Tem razão; é da Lourinhã e ignora que ha uma lei que rege estas publicações!

Coitado!

Temos pena não te poder vêr para pelo tamanho das orelhas sabermos a desculpa que te devemos dar; mas a calcular pela tolice em que cahistes, vêmos que és merecedor de toda a indulgencia, por-

Parabens, ó estrella fulgentissima! Se é verdade eu me encarrego de lh'o arranjar. Irei para isso um d'estes dias a casa de certo homem que mora ali para a rua de D. João 1.^o; compro-lhe um, carrego-o de livros e mando-lh'o.

Accite-o, e ficará contente. Viva depois em amavel companhia com tal *doutor*; acariquem-se, beijem-se; emfim passe com elle a mais surridente lua de mel que lhe deseje o seu

Adminador,

Alguns tantos de tal.

Dominó Preto.

que não passas pelo menos d'um
das cães que ladram á lua.

Deixa-te de continuar a escre-
ver, hoje que tanto tens que fazer,
a cantar officios de finados, e se
d'este mister te sobra ainda algum
tempo, agarra-te ao arado que bem
precisos são os teus braços á la-
voura.

ECCOS DA PASMACEIRA

Provação.—O sabujo que
d'esta cidade escrevinha para o
Campeão das Províncias, agarrou-
se á Mythologia e protesta derri-
bar todos os seus deuses sobre o
costado dos que invergam o azur-
rague que lhe deixa o resto da ca-
beça tão alvo como a tonsura que
indignamente tem, isto como para
nos castigar!

Misero arlequim de feira! Des-
graçado truão das costas maríti-
mas! Tu, que és simplesmente o
Bruto da plebe e não o verdadeiro
Mercurio *mestre-sala* dos deuses;
tu que te elevas a uma altura tão
infinitamente elevada para ti, tal-
vez com receio da casa de correção
—em que te mettes-te?

E' infallível! Das mil supposi-
ções que nos fazes criar com o teu
incognito, a que adoptamos é que
pertences á conta dos ANOS, MAL-
TRAPILHOS E PULHAS que infectam
este mundo!

Desmascara-te, infame sevand-
dija, estúpida creatura, e discute
depois a sério, pondo de parte es-
sa livraria que esboroas sempre
que queres tornar-te saliente. Des-
mascara-te, porque entretanto que
o não faças, para o *Formigueiro*, fi-
cas sendo o aseroso LADRÃO da
honra alheia, o infame calumnia-
dor de pessoas que te estão muito
superiores.

Esperamos-te de palmatoria em
punho, ó desgraçado!

O unico proprietario do «Formigueiro»

Antonio Xavier da Cunha

Greve.—Guimarães está em
estado de sitio.

Não sabemos se as authorida-

des civis e militares já tomaram as
devidas precauções, mas é muito
de suppôr que assim tenha succe-
dido, porque o facto que se está
dando não permite delongas.

Ou de Rendufe ou de qualquer
outra localidade é mister que nos
venha reforço militar para susten-
tar a ordem, que ameaça ser fu-
nestamente alterada com a greve
que ha dias se declarou manifesta-
mente em plena rua.

Haverá n'esta greve como cau-
sa logica os... *formigueiros*, espe-
cie de crime que arranha o cora-
ção, senão todo o corpo, da mu-
lher! E' possível porque a conspi-
ração é das mulheres ca-adas con-
tra os homens em geral.

Mas não vão inverter a inten-
ção. Ellas protestam contra a *ar-
bitrariade, despotismo e tyrannia*
do homem, depois de viuvo, se-
cundar na igreja a mulher como
pôde secundar no João Russo um
bife ou uma garrafa do choco. Que
rem a egualdade domestica e a
egualdade determinada da vida
Querem ser possuidoras unicas do
homem que adquiriram á custa dos
proprios sacrificios d'lie e talvez
com mais custo do que alcança-
riam um Acto do Theatro de D.
Affonso Henriques.

Ellas coitadinhas tem razão e
tanto que apostamos meio pinto
em como não ha nenhuma casada
em segundas nupcias. Lá que ás
vezes, quando o marido esteja iner-
te e estendido no caixão, fique de
portas a dentro, para lhe tirar o
medo, um *computre* ou um *amigo*
do finado, isso são d'aquellas coi-
sas... susceptiveis!

Ha no entanto a favor do sexo
feio uma coisa: é o não se revolta-
rem contra si as solteiras! Valha-
nos isso, e permitta Deus que para
nosso castigo nos seja dado o de
aturarmos meia duzia d'ellas cada
mez, ainda mesmo que sejam rus-
sas ou trigueiras.

A greve é occasionada pelos
casamentos que se estão fazendo
logo depois da morte da fema de
qualquer *casal humano*, questão de
tanto alcance para as offendidas,

que nós receiando proximos distur-
bios, não cessaremos de pedir re-
forço, ainda que elle venha de Val-
longo.

Que Deus nos acuda, aliás lá
vae tudo quanto o pae Adão
criou...

A. Inmundicie—Continua
no mesmo estado immundo e alta-
mente indecente esta cidade!

Em alguns sitios é quasi im-
possivel o transito por causa da
muita porcaria que n'elles se ag-
glomera, sempre que não haja quem
particularmente e sem outro inte-
resse a não ser o da limpeza, não
tenha o cuidado de as limpar!

De novo pedimos á illm.^a ca-
mara a sua attenção para a limpe-
za da cidade. Veremos... e con-
tinuaremos.

Ala direita—Corre de boc-
ca em bocca que brevemente re-
gressa ao Porto parte da força do
regimento 18 que aqui estaciona,
sendo substituida pela ala direita
do mesmo corpo.

A ser verdade, parabéns aos
vimaranenses e ao governo, que
assim pretende conciliar os animos
d'este povo profundamente magoa-
do pela retirada do batalhão de ca-
çadores 7.

Obituario—Durante o mez
de janeiro findo, falleceram n'esta
cidade 33 pessoas, incluindo anji-
nhos e adultos, os quaes foram se-
pultados no respectivo cemiterio
Municipal.

Em seus domicilios falleceram
20, no hospital da Misericordia 12,
e no de S. Domingos 1.

Os lampeões.—Pora cama-
ra municipal ter dado a fazer aos
latoeiros de Lisboa os lampeões
para a illuminação publica, os d'es-
ta cidade ventitam grande ques-
tão.

E' gastar cera com ruins de-
funtos, porque os infelizes artis-
tas devem saber que a nossa cama-
ra só os conhece para lhe receber
os gremios e tudo o que possa ti-
rar-lhe airoosamente.

Que importa que elles se compromettessem a fazel-os iguaes e pelo mesmo preço? Talvez houvesse *conveniencias* a que attender. . .

Questão

Segundo nos consta, os sollicitadores d'este juizo andam em questão, ao que nos parece justissima, com o ex-procurador snr. Joaquim José Saraiva Guimarães, ultimamente nomeado escrivão e tabellião do julgado do juizo ordinario de S. João das Caldas.

Este senhor, que depois de ter sido despachado, não podia, segundo crêmos, accèptar procuração para exercer o seu mister n'este juizo, não se tem importado com a lei, onerando assim os seus antigos collegas e ludibriando o povo, pois que crêmos não terá validade alguma o acto que elle pratique como procurador.

Os sollicitadores em questão requereram já ao meretissimo juiz para que o escrivão do 1.º officio, snr. Loureiro, lhes certificasse se o sr. Saraiva podia procurar n'este juizo, e a certidão declara que este senhor não está authorisado.

Os lesados vão pois, reclamar, e por isso devem ser louvados, porque se bem que em parte tratam do seu interesse também não descuram os do povo, que bem prejudicado pode ser.

LETRAS

ATRAVÉS DOS SORRISOS

E' uma *coisa* repleta de . . . semsaboria, que nos causou um tedio de mil demonios—muito parva, e que o sr. A. M. Magalhães teve a *alta consolação* de ver publicada nos *baixos do Commercio de Penafiel*, n.º 392, quando nem para cucher espaço servia.

Houve falta de materia, bem se vê; do contrario, temos como certo que o *senhorio do Commercio* em vez de dar *entrada* ao estupendo *inquilino* do sr. A. de M. Magalhães, —arremessal-o-hia para o limbo com a ponta da bota.

Mas é o requinte do desaforo e

até onde pode chegar o charlatanismo, vir o sr. A. de M. Magalhães asseverar-nos que, os quatro versos de J. Diniz que servem de texto á sua *coisa*, «valem bem tudo o que escreveu»!!!

Orá em vista de semelhante petulancia, haverá ainda quem queira tomar o pezo ao craneo do sr. A. de M. Magalhães?

Não; não, porque—quanto a massa encephalica. . .

Muito b. M. L.

ESPECTACULOS

T. D. A. Henriques

Domingo 8.º terça-feira 10

Grandes e esplendidos BAILES DE MASCARAS, em beneficio das obras da Associação Artistica Vimaranense.

ANNUNCIOS

Luciano Joaquim da Costa, sollicitador d'este juizo, mudou a sua residencia para a rua d'Alegria n.º 29, onde pôde ser procurado desde as 8 horas em diante.

Deposito de enxofre

JOÃO JOSE DA CUNHA MONTEIRO, na rua de S. Damasso, d'esta cidade, participa aos seus amigos e freguezes que no anno passado moeu enxofre no moinho do Campo da Feira e actualmente continua a moer no moinho da rua de Colros, com a maior perfeição e por preço muito razoavel, assim como também moe para fóra a 40 reis cada arroba, obrigando-se a entregar peso por peso.

Guimarães, 2 de janeiro de 1880.

João José da Cunha Monteiro.

Ao publico

MANUEL Antonio Pereira Guimarães & C.ª participam que o seu carro que sahia para Pamallicão ás 3 horas da tarde, fica sahindo ás 12 da manhã, chegando aqui ás 8 e meia da noite, desde o dia 9 do corrente inclusive.

Os annunciautes previnem o publico que acabam de adquirir ao seu já bem montado trem um bom cabelleche novo a estreiar, por tanto esperam a protecção do publico, para o que, a par da modicidade dos preços, garantem o bom serviço, dispondo de cocheiros limpos e habilitados no seu mister.

Guimarães, 31 de janeiro de 1880.

ARREMATACÃO

NO dia 15 de fevereiro, pelas 10 horas da manhã, se tem de arrematar em leilão, no logar de Cima de Villa, freguezia de Santa Eufemia de Prazins, todos os utensilios pertencentes a uma loja de ferreiro, os quaes constam de safras, bigornas, martellos, tornos, tenazes, folles e muitos outros ferros miudos que se não podem enumerar.

Na mesma occasião se arrematará igualmente algumas caixas, pipas e outras cousas.

Previne-se o snr. arrematante que objecto nenhum sahe da praça sem que esteja satisfeito o seu importe.

Santa Eufemia de Prazins, 6 de fevereiro de 1880.

A viuva
Maria Thereza